

2

A leitura greeniana do afeto nos textos freudianos

A história da conceitualização do afeto para a psicanálise, assim como a história da própria psicanálise, é construída a partir da etiologia específica proposta por Freud para a histeria. Na compreensão do fenômeno histórico, Freud utiliza uma concepção econômica, explicitada na postulação de um excesso de excitação no sistema nervoso. A noção de uma “quantidade deslocável” é apresentada por Freud num artigo sobre a histeria para a *Encyclopédie de Villaret* em 1892 (GREEN:1973):

“Paralelamente aos sintomas físicos da histeria, um certo número de desordens psíquicas pode ser observado... São mudanças na passagem e na associação de idéias, inibições da atividade da vontade, aumento e supressão dos sentimentos etc. que podem ser resumidos em mudança na distribuição normal sobre o sistema nervoso de quantidades estáveis de excitação” (FREUD:1892 apud GREEN:1973).

Um ano após, no texto *Alguns pontos para o estudo comparativo das Paralisias Motoras Orgânicas e Históricas* (1893[1888-1893]) o autor introduz, na seção IV, a expressão “quota de afeto”:

“Todo evento, toda impressão psíquica é revestida de uma determinada quota de afeto da qual o ego se desfaz ou por meio de uma reação motora, ou pela atividade psíquica associativa. Se a pessoa é incapaz de, ou reluta em, eliminar esse afeto excedente, a lembrança da impressão passa a ter a importância de um trauma e se torna a causa de sintomas histéricos permanentes. A impossibilidade de eliminação torna-se evidente quando a impressão permanece no subconsciente. Denominamos essa teoria de *A Ab-reação dos Acúmulos de Estímulos*” (FREUD: 1893[1888-1893]).

O impedimento à ab-reação dos acúmulos de estímulos revela o mecanismo patogênico aqui apresentado. Em outras palavras, a tendência a conservar a soma de excitação constante pelos meios mais apropriados, estendendo-a associativamente ou descarregando-a, que atua no estado psíquico normal, não é realizada na histeria.

Se em *Alguns pontos para o estudo comparativo das Paralisias Motoras Orgânicas e Históricas* (1893[1888-1893]), a teoria da ab-reação começa a ser elaborada pelo autor, é na *Comunicação Preliminar* (1893) que Freud e Breuer desenvolvem inteiramente a concepção do afeto estrangulado, inteiramente associada à teoria traumática. A origem do sintoma histérico é procurada num acontecimento traumático a que não correspondeu uma descarga adequada. A persistência do afeto que se liga a uma recordação depende de variados fatores, e o mais fundamental deles está relacionado à maneira pela qual o sujeito reagiu a um determinado acontecimento. Nesse conjunto, a recordação de um acontecimento traumático cujo afeto não pode ser liquidado através da descarga por ab-reação espontânea, torna-se patogênica. Entretanto, a ab-reação provocada pela psicoterapia – ab-reação secundária – permite a associação entre a recordação patogênica e o acontecimento traumático, provocando a descarga do afeto estrangulado. Cabe ressaltar que, como já vimos, uma ab-reação total não é a única forma pela qual a recordação patogênica é liquidada. O afeto pode ser distribuído por circulação, através da integração da recordação numa série associativa.

“Para nossa grande surpresa, descobrimos que cada um dos sintomas histéricos desaparecia imediatamente e sem retorno quando se conseguia pôr em plena luz a recordação do incidente desencadeador, despertar o afeto ligado a este último e quando, em seguida, o doente descrevia o que lhe havia acontecido de maneira bem detalhada e dando à sua emoção uma expressão verbal” (FREUD:1893).

Isso só é possível porque, pelo processo terapêutico, um equivalente da descarga pelo ato pode intervir através da linguagem, que permite sua ab-reação, ligando a recordação ao acontecimento, assim como liga a carga estrangulada de afeto às representações. Sustenta Freud que “o ser humano encontra na linguagem um equivalente do ato, equivalente graças ao qual o afeto pode ser ab-reagido da mesma maneira” (FREUD:1893). André Green assevera que a verbalização, nesse contexto, não é apenas uma operação intelectual (GREEN:1973):

“A linguagem não se reduz a permitir que a carga se desbloqueie e seja vivida, ela é, em si mesma, ato e descarga pelas palavras. O procedimento utilizado permite ao afeto verter-se verbalmente” (GREEN:1973).

Algumas linhas adiante, Green aponta que o papel desempenhado pelo afeto, a cujo destino encontram-se associados a recordação e o sucesso do tratamento, foi negligenciado por grande parte dos seguidores de Freud, pois “não basta recordar-se para curar” (GREEN:1973). Já em 1893, na *Comunicação Preliminar*, Freud declarava que “uma recordação desprovida de carga afetiva é quase totalmente ineficaz” (FREUD:1893). Aqui chegamos a uma das questões centrais da problemática do conceito: a oposição entre afeto e representação. Freud, nos *Estudos sobre a Histeria*, declara:

“Existia toda uma série de sensações e de representações paralelas. Ora era a sensação que sugeria a idéia, ora a idéia que por simbolização criara a sensação e freqüentemente acontecia de se perguntar qual desses dois elementos era o elemento primário...” (FREUD: 1895b).

De acordo com Green, o trauma, sua recordação e as representações patogênicas derivadas, o afeto não descarregado e a verbalização acompanhada de emoção fazem parte de uma rede indissociável. O reaparecimento do afeto é a condição para a efetivação do método e portanto, não se pode privilegiar a recordação ou a representação patogênica. “Do mesmo modo, a linguagem não pode ser trazida para o lado das representações, ela própria é modo de descarga, equivalente do ato” (GREEN:1973).

No artigo *As Psiconeuroses de Defesa*, publicado entre a *Comunicação Preliminar* e os *Estudos sobre a Histeria*, a noção de quota de afeto torna-se ainda mais precisa. A teoria da defesa, mencionada brevemente na *Comunicação Preliminar*, é discutida extensivamente, trazendo como conseqüência a apresentação, na segunda seção da obra, de uma das pressuposições mais gerais em que ela se fundamenta: a teoria da catexia e de seu deslocamento. E é no penúltimo parágrafo que encontramos a enunciação da hipótese de trabalho utilizada pelo autor que, segundo o mesmo, é “provisoriamente justificada por sua utilidade na coordenação e explicação de uma grande variedade de estados psíquicos” (FREUD:1894), e irá se tornar uma de suas hipóteses mais fundamentais:

“Refiro-me ao conceito de que nas funções psíquicas deve ser distinguida alguma coisa – uma quota de afeto ou soma de excitação – que apresenta todas as características de uma quantidade (embora não disponhamos de meios para medi-

la), capaz de crescimento, diminuição, deslocamento e descarga, e que se espalha sobre os traços de memória das idéias, tal como uma carga elétrica se expande na superfície de um corpo” (FREUD:1894).

Na concepção de Green, Freud distingue, por conseguinte: 1) A quantidade mensurável de direito se não de fato; 2) A variação dessa quantidade; 3) O movimento ligado a essa quantidade; 4) A descarga (GREEN:1973). Se Freud, em *As Psiconeuroses de Defesa* (1894), apresenta uma característica comum à histeria de conversão, às fobias e obsessões e a certas psicoses alucinatórias, ele também apresenta as características definidoras de cada uma delas. E isso só se torna possível pelo jogo articulado entre o afeto (aqui, como já vimos, também denominado “soma de excitação”) e a representação (aqui denominada “idéia incompatível”) proposto pelo autor, onde representação e afeto sofrem destinos diferentes conforme as entidades clínicas.

Na histeria, a idéia incompatível é tornada inócua “pelas transformações da soma de excitação em alguma coisa somática” (FREUD: 1894), o que leva o autor a propor, pela transformação do afeto, o nome de histeria de conversão. Nas obsessões e fobias, “a idéia, agora enfraquecida, é ainda deixada na consciência, separada de toda associação. Mas seu afeto, tornado livre, liga-se a outras idéias que não lhe sejam incompatíveis; e, graças a essa ‘falsa conexão’, tais idéias desenvolvem-se como obsessivas” (FREUD: 1894). Nos dois primeiros casos, a defesa contra a idéia incompatível é efetuada “separando-a de seu afeto” (FREUD: 1894), mas a idéia permanece na consciência, “ainda que enfraquecida e isolada” (FREUD: 1894). Em certas psicoses alucinatórias, porém, “o ego rejeita a idéia incompatível juntamente com o seu afeto” (FREUD: 1894), comportando-se como se ela jamais tivesse ocorrido, sendo esta defesa, para Freud, a mais poderosa e bem-sucedida, mas à medida que “o ego alcança em seu resultado, ele também se destaca, parcial ou inteiramente, da realidade” (FREUD: 1894).

Dessa forma, Freud introduz a idéia da transformação em sentido amplo, agindo em outras psiconeuroses. Transformação que diferencia o afeto em relação às representações e cujo destino não é exclusivamente o da conversão (GREEN:1973). Nesse mesmo ano, na *Carta 18 à Fliess*, ele escreve: “Conheço três mecanismos: 1. O da conversão dos afetos (histeria de conversão); 2. O do deslocamento do afeto (obsessões); 3. O da transformação do afeto (neurose de angústia e melancolia)” (FREUD:1950[1892-1899]). No *Estudos sobre a Histeria*,

Freud declara que, tendo sido inevitável a descarga de afeto através de um reflexo “anormal” (FREUD:1895b), a conversão se produzirá a partir deste, o que, segundo Green, resulta em uma dupla transformação: do “reflexo normal” em “reflexo anormal” e deste em sua conversão. Aliás, de acordo com Green, a própria origem do afeto está associada, segundo Freud, à transformação. O próprio afeto é, de alguma forma, o produto de uma conversão ao contrário (GREEN:1973). Assinala Freud:

“Todas essas inervações, todas essas sensações fazem parte da expressão dos movimentos emocionais, como sublinhou Darwin. Consistindo primitivamente em atos adequados bem motivados, esses movimentos, em nossa época, encontram-se geralmente tão enfraquecidos que sua expressão verbal nos aparece como uma tradução colorida, mas parece que tudo isso teve outrora um sentido literal. Talvez seja mesmo errôneo dizer que ela cria tais sensações por simbolização; talvez ela não tenha de modo algum tomado a linguagem usual como modelo, mas tenha bebido na mesma fonte que ela” (FREUD:1895b).

Para Green, a conversão histérica seria, assim, uma volta às fontes do afeto. E isso, de acordo com ele, importa menos do que a observação de Freud sobre a simbolização. Como também importa menos que a afirmação lacaniana de que o histérico fala com a sua carne.

“(…) parece-nos ainda mais verdadeiro dizer que o histérico submete-se à linguagem da carne bebendo numa fonte da qual ambos derivam. O discurso do histérico não tomaria, então, o modelo da linguagem para falar mas tanto a linguagem quando o sintoma mergulham suas raízes num fundo que lhes é comum”(GREEN:1973).

Podemos assinalar, a partir desses textos iniciais que remetem ao afeto, algumas das questões que contribuem para a imprecisão de sua concepção na teoria freudiana. A noção de afeto é construída a partir da postulação de uma teoria quantitativa de investimentos. Para Laplanche e Pontalis (1958), essa perspectiva é a única que pode traduzir a autonomia do afeto em relação às suas diferentes manifestações. Porém, muitas vezes as expressões afeto, quota de afeto, soma de excitação, aumento e supressão de sentimentos, afeto excedente, carga afetiva e sensações aparecem como sinônimos. A noção de afeto também é utilizada, ainda que menos freqüentemente, para designar a ressonância emocional de uma experiência geralmente forte, possuindo apenas um valor descritivo sem que haja, no entanto, uma definição descritiva do termo.

Em *As Psiconeuroses de Defesa* (1894) Freud faz uma analogia explícita entre soma de excitação e afeto, ao expor a característica comum à histeria de conversão, às fobias e obsessões e a certas psicoses alucinatórias:

“A tarefa que o ego se coloca, em sua atitude defensiva, de tratar a representação incompatível simplesmente como ‘non arrivé’, não pode ser cumprida. Tanto os traços de memória como o afeto referente à idéia lá estão de uma vez por todas e não podem ser erradicados. Mas é possível chegar a um cumprimento aproximado da tarefa, se o ego logra tornar fraca essa poderosa idéia, privando-a do afeto – soma de excitação – do qual ela está carregada”(FREUD:1894).

No entanto, no capítulo teórico do *Estudos sobre a Histeria*, são apresentadas razões para a suposição de que os afetos “acompanham um aumento de excitação” (FREUD:1895b), e que parece diferenciar afeto de soma de excitação. E na definição mais precisa de quota de afeto, pronunciada em *As Psiconeuroses de Defesa* (1894), esta é apontada como uma das funções psíquicas. A incerteza aparente do lugar do afeto parece implicar a pluralidade de suas utilizações pelo autor.

As dificuldades de conceitualização do afeto estão estreitamente associadas às relações entre a quantidade (quota de afeto) e a qualidade (aspecto subjetivo) que a noção comporta. No *Projeto Para uma Psicologia Científica*, redigido em 1895, há uma tentativa de solução da oposição entre elas pela redução, tanto quanto o possível, dos problemas qualitativos às vicissitudes da quantidade. Nesse texto, o alcance do estudo do afeto vai bastante além das referências diretas que são feitas a esta noção. Os pressupostos fundamentais que sustentam a articulação teórica apresentada pelo autor nesta obra são a noção de quantidade e o princípio de inércia. A aspiração à descarga é essencial, e a retenção de uma certa quantidade é requerida pelas leis da vida.

No *Projeto*, a consideração da qualidade está subordinada à consideração dos processos psíquicos como estados quantitativamente determinados de partículas materiais. (GREEN:1973) A noção de uma quantidade é introduzida pela denominação “*Q*”.¹ O modelo de um aparelho mental encontra-se inteiramente construído sobre a noção de uma quantidade de excitação que se desloca ao longo das cadeias neurônicas. Este aparelho, inicialmente qualificado de neurônico e, ulteriormente e definitivamente, de psíquico, executa um certo

¹ O “*Q*” e sua diferenciação “*Qη*” constituem um dos sinais alfabéticos apresentados no *Projeto*. Ambos, indubitavelmente, simbolizam “quantidade”, mas a diferença entre os termos existe, embora Freud não a indique nem a explique em parte alguma. Em certo trecho (p.476), ele parece finalmente explicá-la: “*Q*”, ao que tudo indica, é a “quantidade externa” e “*Qη*”, a “quantidade psíquica” — embora a redação não deixe de ter sua dose de ambigüidade (STRACHEY:1954).

trabalho que é uma exigência pulsional. Neste trabalho, no entanto, ela é descrita por Freud de diversas maneiras como, por exemplo, transformação da energia livre em energia ligada, adiamento da descarga e elaboração psíquica das excitações, num estudo quantitativo dos processos psíquicos, ou seja, do fluxo das excitações e energia que circulam no psiquismo.

A Q aparece neste ensaio já possuindo duas formas distintas: uma Q em estado fluente, passando através de um neurônio ou indo de um neurônio a outro, e uma Q mais estática, quando carrega os neurônios com uma certa fração dele próprio, caracterizando o investimento. Este último é um processo através do qual a energia é empregada em uma determinada atividade psíquica, sendo a elaboração psíquica a transformação do volume de energia, que permite dominar esta energia, derivando-a ou ligando-a. O uso destas noções para a construção de uma teoria da histeria e de uma teoria das neuroses atuais, engendrará dois aspectos fundamentais: a transformação da quantidade física em qualidade psíquica e o estabelecimento de caminhos associativos, que supõe como condição prévia essa transformação.

Toda vez que, no psiquismo, se introduz uma quantidade exagerada de excitação – energia livre –, é necessário vinculá-la a determinados focos energéticos, para expeli-la sem perder o controle e obter assim o alívio. A vinculação ocorre em nível inconsciente e faz com que o fluxo livre de energia seja convertido numa catexia, isto é, o fluxo de energia livre é investido, ligando uma determinada energia psíquica a uma representação, ou grupo de representações, a partir dos traços mnêmicos. Formam-se representações de experiências do mundo interno e externo, numa verdadeira rede de simulações mentais, que se originam a partir das facilitações deixadas pela passagem prévia de energia psíquica por um determinado caminho.

A distinção entre os dois estados da Q vai ganhando importância gradativa no *Projeto*. O primeiro indício dessa importância está relacionado com a análise do mecanismo para apontar a diferença entre alucinações e percepções, e o papel desempenhado nesse mecanismo pela ação inibidora procedente do ego², cujo efeito consiste em modificar o estado da Q em fluxo para um estado de Q estática num neurônio. Distinção esta posteriormente relacionada com a distinção entre o processo primário e o secundário. Porém, é somente na Parte III do

Projeto que ficam expostas todas as implicações da diferença entre um estado ligado e um estado móvel da Q . A necessidade da hipótese de haver dois estados de Q aparece, àquela altura, relacionada à análise do mecanismo do pensamento de Freud, que requer um estado no neurônio “que, embora na presença de uma catexia elevada, permite apenas uma corrente pequena” (FREUD:1950[1895]). O que permitiria a mensuração da Q de dois modos: pela altura do nível da catexia dentro de um neurônio e pelo índice de fluxo entre as catexias. A transformação da Q livre em Q ligada continuará sendo de suma importância para Freud. No artigo *O Inconsciente*, vinte anos depois da elaboração do *Projeto*, ele chega a declarar que “essa distinção representa a compreensão mais profunda a que chegamos até agora quanto à natureza da energia nervosa” (FREUD:1915c).

A natureza fundamental da Q sempre foi desconhecida, e isto é repetido com insistência já em seu artigo de origem. Para Green, parece mais provável que seja uma energia indiferenciada investindo vários sistemas (GREEN:1973). As propriedades de Q derivam da hipótese fundamental colocada por Freud em 1894, em seu artigo *As Psiconeuroses de Defesa*, aqui já exposta. A questão volta uma infinidade de vezes em obras posteriores, até ser expressa claramente em *Além do Princípio de Prazer*:

“A indefinição de todas as nossas discussões sobre o que descrevemos como metapsicologia se deve, naturalmente, ao fato de nada sabermos da natureza do processo excitatório que ocorre nos elementos dos sistemas psíquicos, e a não nos sentirmos autorizados a formular qualquer hipótese sobre o assunto. Estamos, conseqüentemente, trabalhando o tempo todo com um grande fator desconhecido, que somos obrigados a transportar para cada fórmula nova” (FREUD:1920).

Encontramos no *Projeto* relações entre a experiência de satisfação e o afeto. Na experiência de satisfação, o acréscimo da tensão interna provocada pela necessidade gera uma modificação interna intervindo, inicialmente, uma tentativa de descarga interna e externa, por manifestações emotivas e gritos, mas que se revela ineficaz. Para que a modificação interna se produza, é preciso uma ação específica capaz de suprir a necessidade pela satisfação. Esta ação específica é trazida pelo objeto externo, requerendo, conseqüentemente, uma modificação externa.

² Seções 14 e 15 da Parte I do *Projeto Para Uma Psicologia Científica*.

“Desse modo essa via de descarga adquire uma função secundária da maior importância, a da comunicação, e a impotência original do ser humano é a fonte primeira de todos os temas morais” (FREUD:1950[1895]).

Assim, a descarga pela emotividade e pela motricidade é associada à função de comunicação. A satisfação será, a partir de então, associada com a imagem do objeto que a proveu e a imagem motora do movimento reflexo que tornou possível a descarga, estabelecendo uma nova relação entre a percepção do objeto e a descarga interna, através de seu traço na imagem motora. Assegura Green que, desta forma, o afeto está associado à função de comunicação e, portanto, à linguagem, bem como à experiência corporal pela imagem motora da descarga (GREEN:1973).

Se o aumento da tensão interna está relacionado com a experiência de satisfação, a experiência de dor está relacionada à irrupção contínua de grandes quantidades externas de excitação no aparelho psíquico, produzida por efracção no sistema de proteção. Isso acarreta um aumento de intensidade do nível do investimento, uma tendência à descarga para eliminar essa quantidade em excesso e um investimento da imagem do objeto que provocou a dor, com vias de facilitação entre esses dois últimos.

Quando há um novo investimento da imagem mnêmica do objeto que provocou a dor, produz-se um estado semelhante, porém enfraquecido. Estado este que não pode ser denominado dor, mas desprazer, ocasionando a descarga do investimento, em virtude da facilitação acima, no interior do corpo. Posteriormente, os traços da experiência da dor ocasionam investimentos progressivamente mais atenuados da imagem mnêmica do objeto que provocou a dor, realizando cada vez mais o papel de sinais e acarretando operações defensivas progressivamente mais importantes.

Na opinião de Green, a experiência da dor remete ao modelo do afeto de modo mais explícito do que a experiência de satisfação. A satisfação está unida ao afeto pela descarga motora e emotiva, mas os traços da experiência da dor fazem referência explícita a uma descarga interna e secretora e, para Freud, o afeto é o produto de tal descarga interna e secretora. O modelo freudiano do afeto é mais constantemente utilizado para as experiências de desprazer, de dor e de angústia do que para as experiências de satisfação e prazer (GREEN:1973).

Conforme Green, os traços das experiências de dor são afetos, e os traços das experiências de satisfação são estados de desejo. No desejo a elevação de tensão é produzida por somação, levando ao investimento alucinatório do objeto, no afeto, a elevação de tensão é produzida por descarga brusca. Se, no sentido amplo, o desejo é afeto posto que comporta um estado afetivo no sentido da linguagem corrente, para a psicanálise só a descarga interna, endógena e secretora ligada à imagem mnêmica do objeto hostil merece esta denominação³. Acrescenta-se a essa especificidade uma dimensão de violência na reação e de participação corporal intensa. Green ressalta, ainda, que o afeto é produzido durante a repetição da experiência orgânica da dor. É essa qualidade reprodutiva que lhe concede sua dimensão propriamente psíquica (GREEN:1973).

Para Freud, o investimento alucinatório do estado de desejo e a facilitação à descarga de desprazer do investimento da experiência da dor, revelam que o investimento egóico ainda encontra-se sob o domínio das primeiras vias de descarga e do processo primário. Necessário é que o ego desenvolva relações com a realidade, para inibir a capacidade de alucinar, permitindo a distinção entre alucinação e percepção. E que se previna da descarga contra o desprazer pela constituição de uma defesa e de um recalque. De acordo com Green, é no conjunto das afirmações freudianas sobre a experiência da dor que encontramos a relatividade do funcionamento desse dispositivo considerando-se a quantidade: acima de um certo limiar, a descarga é inevitável, ultrapassando a capacidade do ego, o que resulta numa perturbação patogênica do pensamento. A perturbação intervém igualmente quando no lugar da percepção surge uma recordação (GREEN:1973).

Freud assinala que são duas as condições para perturbar um processo psíquico normal: É preciso que a descarga sexual esteja mais ligada a uma recordação do que a uma experiência, e que esta descarga tenha ocorrido muito prematuramente. A soma dessas duas condições determinantes acarreta uma produção de afeto. E toda produção de afeto perturba o curso normal do pensamento por esquecimento das associações, baixa do poder de seleção e de lógica, e por utilização de vias abandonadas, em particular as que conduzem à

³ De acordo com Green (1973), é provavelmente para superar essa discordância que Laplanche e Pontalis propõem uma tese que sublinha o caráter traumático de qualquer manifestação pulsional previamente à satisfação ou à insatisfação que a ela se seguem.

descarga. Declara Freud: “Em conclusão, o processo afetivo se aproxima do processo primário não inibido” (FREUD:1950[1895]).

Segundo Green, essa afirmação traz de volta o reconhecimento de que uma descarga de afeto intensa é produzida a partir da idéia desencadeadora. O papel do ego permanece o de evitar os processos afetivos posteriores e o de diminuir o favorecimento das antigas facilitações na direção da descarga, descarga esta que perturba as atividades de pensamento pela intensidade das quantidades que ela mobiliza. Por conseguinte, o ego inibe o processo primário com o auxílio da função de atenção, que o desperta para os sinais e lhe permite utilizar uma defesa (GREEN:1973).

A questão da qualidade é particularmente mais confusa no *Projeto*. É necessário distinguir a qualidade ligada à percepção externa; a qualidade ligada à representação: investimento alucinatório do objeto; a qualidade ligada ao afeto; a qualidade ligada aos processos. É necessário distinguir ainda os índices de qualidade e a consciência de qualidade. Os primeiros são fatores enganosos que permitem confundir os objetos da satisfação com os que lhes são análogos (GREEN:1973). Assegura Freud:

“Se uma descarga estivesse ligada à passagem do $Q\eta$ - além da simples circulação - assim como qualquer movimento, ela forneceria uma informação sobre o movimento. Afinal, os próprios índices de qualidade são apenas informações de descarga - de que tipo, aprenderemos mais tarde”(FREUD:1950[1895]).

Ao redigir o *Projeto*, Freud estabelece três sistemas. O sistema ϕ , ao qual atribui as quantidades exógenas e físicas do aparelho psíquico, o sistema Ψ , responsável pelas quantidades internas e psíquicas e o sistema ω , encarregado especificamente da qualidade. Os neurônios ω são excitados durante a percepção e a descarga desta excitação e que dá qualidade à consciência. No entanto, a qualidade só aparece onde as Q tiverem sido antecipadamente reduzidas. A receptividade adquirida do sistema determina uma permeabilidade completa e uma ausência de orientação ou de modificação pela excitação. Essa hipótese de funcionamento estabelece a transformação de uma quantidade externa em qualidade (ϕ em ω), onde o estado consciente representa o lado subjetivo dos processos físicos.

Os índices de qualidade aparecem exclusivamente no momento das percepções. Trata-se, portanto, de obter uma percepção da passagem de $Q\eta$ (GREEN:1973). Atesta Freud que a tendência a evitar o desprazer tende a se confundir com a tendência primária à inércia, o que implica, para ele, uma comunicação entre ω e Ψ ⁴. Para Green, tal afirmativa consolida a tentativa freudiana de redução da qualidade à quantidade. A consciência de um movimento voltado para o corpo que comporta uma descarga é acompanhada pela qualidade específica do afeto. A atenção não se dirige unicamente aos índices de qualidade pertencentes às propriedades externas do objeto, mas à percepção do processo interno de passagem de um $Q\eta$. Porém, não há indicação de que o sistema ω é que fornece essa percepção do movimento que traduz a passagem do Q no momento da descarga que ele acarreta (GREEN:1973).

Na *Carta 39* escrita à Fliess, um pouco depois da redação do *Projeto*, Freud faz uma retificação que, conforme Green, implicaria numa reinterpretação total do texto (GREEN:1973). O sistema ω , longe de transmitir a qualidade das percepções saídas de ϕ , não transfere nem quantidade, nem qualidade, mas se limita a excitar, isto é, indica o caminho a seguir. Daí decorre uma consequência importante: visto que ω não transmite qualidade a Ψ , os processos inconscientes permanecerão inconscientes, adquirindo apenas uma “consciência secundária e artificial ligando-se a processos de descarga e de percepção (associações verbais)” (FREUD:1950[1892-1899]). De acordo com Green, Freud procura, dessa forma, libertar-se do aspecto qualitativo dos fenômenos psíquicos, para descrever os processos psíquicos com a objetividade das ciências naturais, e conseqüentemente, reduzir ao mínimo a parte subjetiva, e para destacar a atividade psíquica da atividade consciente, posto que esta última implica obrigatoriamente a intervenção da qualidade subjetiva (GREEN:1973).

Ainda segundo Green, os processos de pensamento adquirem a qualidade da consciência pelas associações verbais que concretizam, via linguagem, as relações abstratas. Os processos de pensamentos são transformados pela linguagem em percepções. A qualidade, para Freud, na maioria das vezes está associada a um processo de descarga por sobreinvestimento ou pelo atingimento de uma limiar que ultrapassa as condições de contenção possíveis. A consciência

⁴ Não podemos esquecer que Ψ recebe ao mesmo tempo os investimentos transformados de ω e os

ligada ao afeto é contemporânea da descarga que ele produz no corpo. Se o limiar encontra-se abaixo da necessidade de descarga, o afeto pode passar despercebido para a consciência (GREEN:1973).

No ano de 1900, em *A Interpretação dos Sonhos*, Freud apresenta suas formulações e hipóteses em termos psíquicos, deixando para trás as descrições neurológicas de seus primeiros textos. Em *Os Afetos no Sonho*, um subcapítulo do capítulo *O Trabalho do Sonho*, o autor atesta:

“É bem mais por seu fundo afetivo do que por seu conteúdo representativo que o sonho se impõe a nós como experiência psicológica”. E continua: “A análise nos ensina, na verdade, que os conteúdos representativos sofreram deslocamentos e substituições, enquanto os afetos não mudaram” (FREUD: 1900).

São cinco as transformações dos afetos no sonho: 1) O desaparecimento dos afetos no sonho (supressão), onde um conteúdo representativo pode ser completamente privado de seu afeto correspondente no estado de vigília.; 2) A transferência do afeto longe de seu representante numa outra parte do sonho (deslocamento); 3) O empobrecimento do afeto dos pensamentos do sonho no sonho (subtração), pelo qual podemos afirmar que o sonho opera um trabalho redutor sobre o afeto. Quando um afeto está presente no sonho, é encontrado nos pensamentos do sonho, mas o inverso não é verdadeiro. Exemplo característico da repressão dos afetos no sonho; 4) A transformação de um afeto em seu contrário (inversão), onde sentimentos proibidos são substituídos por seus opostos, sonhos de desejo são substituídos por sonhos de castigo. Essa transformação é resultado da censura, e pode, por vezes, não operar no próprio sonho, mas ser encontrada já pronta nos pensamentos da véspera; 5) O reforço do afeto do sonho em relação ao afeto dos pensamentos do sonho, através da substituição de afetos proibidos por afetos permitidos (reforço). Se um afeto no sonho aparenta corresponder ao afeto dos pensamentos do sonho, não podemos concluir por sua expressão tal como no sonho. Um auxílio é dado ao afeto do sonho por afetos não proibidos que mascaram os afetos proibidos, freqüentemente em relação com conteúdos proibidos.

Freud afirma que no sonho, ao contrário do que ocorre nas psiconeuroses, a conservação da qualidade do afeto é sempre acompanhada por uma inibição afetiva. Isso é facilmente identificado na supressão e na subtração. Mas ao

investimentos das vias de “condução endógena”(GREEN:1973).

analisarmos o reforço, o deslocamento e a inversão, aparentemente nos deparamos com uma contradição entre a hipótese do estado não modificado e inibido do afeto e essas transformações. Para Green, além de todos esses mecanismos terem por objetivo a repressão do afeto (e, quando ultrapassam a simples redução, é porque esta é insuficiente), apesar de alguns deles serem semelhantes aos da representação, o afeto resiste à fragmentação, ao contrário daquela (GREEN:1973). Escreve Green:

“O que Freud quer dizer é que, apesar da presença de mecanismos semelhantes para os conteúdos representativos e o afeto, não é possível que os afetos se fragmentem num pequeno número de elementos como os conteúdos representativos e constituam novas totalidades, inteiramente deformadas em relação ao encadeamento dos pensamentos dos sonhos, reunidas num agrupamento incompreensível e, à primeira vista, ininteligível. O afeto resiste a tal fragmentação, por isso, freqüentemente, ele é o elemento do qual não se deve tirar os olhos na análise do sonho. Para interpretar o sonho convém restituir-lhe sua força originária e restituí-la em seu lugar exato. Operação conjetural, mas não mais do que a reconstituição do quebra-cabeça associativo. O afeto é o guia mais seguro. Assim, a censura comporta dois efeitos: a deformação que incide sobre os conteúdos representativos e a inibição que incide sobre os afetos. Portanto, recálque dos conteúdos será oposto a repressão dos afetos”(GREEN:1973).

Freud argumenta que o desencadeamento do afeto é um processo orientado para o interior do corpo, correspondendo para o corpo ao que as descargas motoras são para o mundo exterior. No decorrer do sono as descargas motoras são suprimidas; uma paralisia análoga atinge as descargas para o interior do corpo e os impulsos afetivos que se produzem durante a formação do sonho são fracos por si mesmos. Desta forma, a repressão dos afetos não seria o resultado do trabalho do sonho, mas consequência do sono. Uma hipótese orgânica, onde Freud irá acrescentar a declaração de que ao nível propriamente psíquico, todo sonho é um compromisso de forças psíquicas opostas (desejo e censura). Além disso, no inconsciente, onde não há contradição possível, todo pensamento está ligado a seu contrário. Portanto, a repressão do afetos é uma consequência da inibição que os contrários exercem uns sobre os outros e da ação da censura sobre os impulsos.”A inibição afetiva seria então o segundo efeito da censura, a deformação era o primeiro” (FREUD:1900).

No capítulo VII, intitulado *A Psicologia dos Processos do Sonho*, assegura Freud que a realização dos desejos “provoca um sentimento não de prazer, mas de

desprazer, e é precisamente essa transformação de afetos que é a essência do que chamamos recalque” (FREUD:1900), impedindo o desenvolvimento de estados afetivos que primariamente provocam prazer mas que, devido ao recalque, desencadeiam desprazer. A repressão “se exerce sobre o conteúdo representativo do inconsciente porque é aí que poderia se liberar o desprazer” (FREUD:1900). Dessa forma, o afeto é reprimido através do seu conteúdo. Para Green, por conseguinte, é impossível opor terminantemente repressão e recalque. Em outras palavras, não podemos facilmente relegar o recalque exclusivamente ao conteúdo, enquanto a repressão pertenceria apenas ao afeto (GREEN:1973). Freud, numa nota do capítulo VII declara: “Omiti dizer que diferença que eu fazia entre as palavras reprimido e recalcado. O leitor terá compreendido que a última acentua mais o caráter inconsciente” (FREUD:1900).

De qualquer forma, é através do pré-consciente que se produz a repressão inibidora. Esta não permite ao conteúdo representativo do inconsciente o envio de impulsos desencadeadores do efeito motor secretor que a produção do afeto acompanha. Porém, a baixa do investimento pré-consciente torna possível às excitações inconscientes liberadas o desencadeamento desses afetos, como ocorre no sonho e elucida os sonhos de angústia. A redução dos efeitos do PCs enfraquece sua repressão por via do conteúdo representativo, determinando a repressão direta dos afetos no sonho (GREEN:1973).

Na concepção de Green, as diferenças entre recalque e repressão são de graduação, e não de natureza dos mecanismos. Os mecanismos de trabalho do sonho, que recaem sobre os conteúdos representativos dos desejos recalcados, podem operar nos afetos do sonho para finalizar sua repressão. Tampouco a repressão deve ser compreendida como um processo apenas quantitativo, pois é preciso recorrer a deformações e disfarces para concluir a redução afetiva. A repressão pode incidir sobre conteúdos representativos pré-conscientes mas, para este autor, a essência do recalque é constituída por uma transformação de afetos (GREEN:1973).

“Tudo aconteceu como se houvessem querido levar demasiado longe, mais longe do que Freud, alguma de suas hipóteses. A idéia da independência relativa do representante e do afeto incitou a propor uma oposição absoluta que pretendeu ligar conteúdo representativo, recalque inconsciente numa concepção estreitamente estrutural de um lado, e afeto, repressão, consciente e pré-consciente por outro. Ora, embora Freud sustente uma distinção de destino nas

psiconeuroses entre o representante e o afeto, essa oposição nunca foi tão clara” (GREEN:1973).

No *Vocabulário da Psicanálise*, Laplanche e Pontalis definem o afeto como a expressão qualitativa da quantidade de energia pulsional e das suas variações (LAPLANCHE & PONTALIS:1958). Será nos escritos metapsicológicos que Freud irá distinguir o aspecto subjetivo do afeto dos processos energéticos que o condicionam. A diferenciação entre afeto e quota de afeto esquematiza a diferença entre qualidade e quantidade. Porém o autor continuará usando indistintamente os termos afeto e quota de afeto, apagando, por vezes, tal oposição. A quota de afeto traduziria o aspecto propriamente econômico, como um conceito caracteristicamente metapsicológico, sem possuir valor descritivo, e que corresponderia à pulsão “... na medida em que esta se separou da representação e encontra uma expressão adequada à sua quantidade em processos que se tornam sensíveis para nós como afetos”(FREUD:1915b).

O afeto e o termo representante só aparecem na metapsicologia no artigo sobre *O Recalque*. Isto leva Green a supor que Freud tivesse deixado entender que, antes do efeito do recalque, o afeto enquanto tal não podia ser discriminado ao nível do funcionamento pulsional, onde representante e afeto estão confundidos. Entretanto, a finalidade do recalque é uma transformação de afeto – de prazer em desprazer – e a finalidade da pulsão é o de uma produção de afeto. Para Green, o recalque torna particularmente aparente a separação entre o representante e o afeto, possibilitando considerar este último isoladamente (GREEN:1973).

O recalque originário advém sobre o representante pulsional que é impedido de permanecer no consciente. Esta recusa incide sobre o afeto de desprazer que sobreviria. O recalque opera, dessa forma, uma inibição afetiva indireta através do representante, constituindo um paradoxo: O recalque opera para impedir o aparecimento do desprazer, mas o próprio desprazer é o efeito do recalque que transformou o prazer em desprazer. Correlativamente, a suspensão temporária do recalque permite fazer aparecer prazer onde haveria produção de desprazer (anedota). Porém, o recalque do representante não constitui toda a operação. As variações da quantidade de investimento energético cumprem uma ação importante sobre os derivados recalcados, sobre sua conservação no estado

recalcado e sobre a tolerância da qual são objeto para a consciência ou sua admissão nela (GREEN:1973).

“É da experiência cotidiana que tal derivado permaneça não recalcado durante o tempo em que representa uma pequena energia, embora seu conteúdo seja próprio a provocar um conflito com aquilo que domina na consciência. Mas o fator quantitativo se mostra decisivo para o conflito; quando a representação chocante em seu fundo se reforça além de um certo grau, o conflito se torna atual e é precisamente a ativação que acarreta o recalque”(FREUD:1915b).

Este segundo mecanismo, de natureza econômica, completa o primeiro que, consoante com Green, poderia ser chamado de natureza semântica. Há um apoio mútuo entre eles e uma equivalência. A aproximação do núcleo ativo do inconsciente e o acréscimo do investimento energético originam resultados idênticos. Do mesmo modo, o afastamento do inconsciente e a deformação seguem a diminuição do investimento. Tal constatação leva Freud a fazer uma distinção. Algumas páginas adiante, nós encontramos a seguinte afirmação:

“Até esse momento, em nosso exame, tratamos do recalque de um representante pulsional, entendendo por este último uma idéia ou grupo de idéias, catexizada com uma cota definida de energia psíquica (libido ou interesse) proveniente de uma pulsão. Agora, a observação clínica nos obriga a dividir aquilo que até o presente momento consideramos como sendo uma entidade única, de uma vez que essa observação, nos indica que, além da idéia, outro elemento representativo da pulsão tem que ser levado em consideração, e que esse outro elemento passa por vicissitudes de recalque que podem ser bem diferentes das experimentadas pela idéia. Geralmente, a expressão quota de afeto tem sido adotada para designar esse outro elemento psíquico. Corresponde à pulsão na medida em que este se afasta da idéia e encontra expressão, proporcional à sua quantidade, em processos que são sentidos como afetos” (FREUD:1915b).

São muitas as considerações construídas a partir dessa afirmação. A primeira e talvez a mais importante delas é que tudo o que havia sido dito sobre o representante pulsional engloba o afeto e a idéia. É neste artigo também que a afirmação do afeto e da idéia como representantes da pulsão é claramente anunciada. Além disso, a quota de afeto que encontra expressão em processos que são sentidos como afetos, sublinha a autonomia do afeto em relação à idéia e parece distinguir mais claramente a quota determinada de energia psíquica como o aspecto quantitativo do afeto. Além disso, de acordo com Green, a descrição do representante pulsional incluindo o afeto exige uma reinterpretação de todo o texto anterior, não sustentando a afirmação de que é apenas o representante-

representação que “se vê recusado a ser assumido no consciente, mas sim o representante psíquico dotado de sua cota determinada de energia psíquica” (GREEN: 1973).

No parágrafo seguinte do texto freudiano são apresentados os três destinos possíveis do fator quantitativo do representante pulsional: a repressão não somente do afeto, como também da representação; a expressão de um afeto qualitativamente definido, e a transposição das energias psíquicas das pulsões para afetos e – particularmente – para angústia. Segundo Green, a partir disso concluiu-se que o recalque agia somente sobre as representações, considerando que o afeto era objeto da repressão. Muito diferente para esse autor, no entanto, é o encaminhamento seguido pela continuação do texto (GREEN:1973):

“Recordamos o fato de que o motivo e o propósito do recalque nada mais eram do que a fuga ao desprazer. Depreende-se disso que a vicissitude da quota de afeto pertencente ao representante é muito mais importante do que a vicissitude da idéia, sendo esse fato decisivo para a nossa avaliação do processo do recalque. Se um recalque não conseguir impedir que surjam sentimentos de desprazer ou de angústia, podemos dizer que falhou, ainda que possa ter alcançado seu propósito no tocante à parcela ideacional” (FREUD: 1915b).

Para Green, tal declaração sustenta que o sucesso do recalque depende da vicissitude do afeto. Já que a finalidade do recalque é justamente esta inibição total do afeto de desprazer (GREEN:1973).

“Tudo se passa como se, como no sonho, ao lado da via indireta de inibição afetiva pela ação sobre os representantes suscetíveis de despertar o afeto indesejável, uma outra via direta se exercesse por intermédio do recalque (pouco importa que seja ou não chamada de repressão) sobre o afeto. Certamente a questão requer um exame complementar devido às relações entre recalcado e inconsciente e, conseqüentemente, entre inconsciente e afeto. Mas quanto à ação do recalque sobre o afeto, o exame do que precede mostra suficientemente que não se pode subestimar sua importância fazendo da repressão um sucedâneo menor que o recalque” (GREEN:1973).

No artigo sobre *O Inconsciente* (1915c) Freud retorna ao afeto no capítulo *Sentimentos Inconscientes*, indagando já em seu primeiro parágrafo se “existem moções pulsionais, sentimentos, sensações inconscientes, ou, nesse caso, não terá sentido formar combinações desse tipo?” (FREUD: 1915c). Para Green, é preciso refletir sobre a necessidade do autor em fazer tal indagação. Freud acaba de defender a legitimidade do inconsciente e a dissolução da solidariedade

tradicional entre o psíquico e o consciente, asseverando a existência de pensamentos inconscientes, de processos psíquicos inconscientes e de um sistema inconsciente, argumentando e contra-argumentando seus opositores. Entretanto, mantém a indagação quanto à existência de afetos inconscientes (GREEN:1973).

Apresentando sua opinião de que a antítese entre consciente e inconsciente não se aplica às pulsões, Freud afirma em seguida que “uma pulsão nunca pode se tornar objeto da consciência, só o pode a idéia que a representa. Além disso, mesmo no inconsciente, uma pulsão não pode ser representada de outra forma a não ser por uma representação” (FREUD:1915c). De acordo com Green, as citações que insistem ser o inconsciente o lugar das representações da pulsão se apóiam nessa afirmação. Aparentemente, Freud afirma também que a representação é o único modo da pulsão se fazer representar no consciente. Todavia, no capítulo antecedente, o autor salientou extensivamente o afeto como o modo privilegiado de representação pulsional. Segundo Green, a continuação do texto irá apontar a legitimidade de tal representação (GREEN:1973):

“Se a pulsão não se prendeu a uma idéia ou não se manifestou como um estado afetivo, nada poderemos conhecer sobre ela. Não obstante, quando falamos de uma moção pulsional inconsciente ou de uma moção pulsional recalcada, a imprecisão da parafraseologia é inofensiva. Podemos apenas nos referir a uma moção pulsional cuja representação ideacional é inconsciente, pois nada mais entra em consideração” (FREUD:1915c).

Apesar de Freud freqüentemente empregar moção pulsional e pulsão como sinônimos, há uma pequena diferença entre os termos. A moção pulsional designa a pulsão sob o seu aspecto dinâmico, isto é, a pulsão em ato, no momento em que se atualiza e se especifica num estímulo interno determinado. Não é possível para a moção pulsional, para a pulsão, tornar-se diretamente objeto da consciência. Desse modo, não podemos pensar em pulsão sem falar em seus representantes. Aliás, tomando as palavras de Freud: “Não há pulsão sem representação, assim como não há representação sem pulsão” (FREUD:1915c). A representação e o afeto são os representantes da pulsão no psiquismo, portanto, porque caberia apenas ao primeiro o conteúdo do inconsciente? Para Green, a declaração de que existem afetos inconscientes constitui uma afirmação aparentemente irrealizável, visto que consideramos da essência de um sentimento ser percebido, logo, conhecido pela consciência. Green declara que Freud, contudo, vai considerar os

casos de desconhecimento do afeto, pelo destacamento do representante que lhe é afetado, e substituição por um outro representante em seu lugar, causa desse desconhecimento, como é freqüentemente observado na neurose obsessiva (GREEN:1973). Na página seguinte, ao mencionar os três destinos possíveis do afeto, já apresentados no texto sobre o *Recalque* (1915b), Freud, ao afirmar que um afeto pode ser reprimido, acrescenta: “isto é, impedido de se desenvolver” (FREUD:1915c), e encontramos a resposta completa à sua indagação inicial:

“Sabemos, também, que a repressão do desenvolvimento do afeto constitui a verdadeira finalidade do recalque, e que seu trabalho ficará incompleto se essa finalidade não for alcançada. Em todos os casos em que o recalque consegue inibir o desenvolvimento de afetos, denominamos esses afetos (que restauramos quando desfazemos o trabalho de recalque) de ‘inconscientes’. Assim, não se pode negar que o emprego das expressões em causa é coerente, embora, em comparação com idéias inconscientes, se verifique a importante diferença de que, após o recalque, idéias inconscientes continuam a existir como estruturas reais no sistema Ics., ao passo que tudo o que naquele sistema corresponde aos afetos inconscientes é um início potencial impedido de se desenvolver. A rigor, então, e ainda que não se possa criticar o uso lingüístico, não existem afetos inconscientes da mesma forma que existem idéias inconscientes. Pode, porém, muito bem haver estruturas afetivas no Ics., que, como outras, se tornam conscientes”(FREUD:1915c).

Freud declarava, no início do artigo, que a essência do recalcado não consistia em aniquilar uma representação representando a pulsão, mas em impedi-la de se tornar consciente. A partir desta última citação, considera Green que o recalque preserva a existência da representação, contanto que ela permaneça inconsciente – “ausente, latente, tornada incognoscível pelas deformações e pelas associações etc” (GREEN:1973). Em compensação, o recalque visa suprimir o fator quantitativo, o investimento energético que deve ser aniquilado tanto quanto possível. No sentido econômico, é o afeto que deve ser tornado inconsciente, no sentido tópico e sistemático, é a representação. O recalque opera sobre o afeto pela repressão, embora, no sentido tópico, acentue seu caráter inconsciente. Portanto, a repressão aparece como um dos procedimentos à disposição do recalque para a conservar o que deve ser conservado, distanciado da consciência. O afeto reprimido é tornado inconsciente; nas palavras de Green, “a repressão é o objetivo específico do recalque” (GREEN:1973).

Na citação freudiana fica clara a diferença de estado no inconsciente para a representação e o afeto. O representante continua como uma formação completa no Ics, enquanto o afeto reprimido só subsiste no estado de rudimento, sem

possibilidade de desenvolvimento. Em caráter estrito, não existe “afeto inconsciente como existem representações inconscientes” (FREUD:1915c). O que, segundo Green, não significa dizer que não existem afetos inconscientes, mas sim que o inconsciente não se dá do mesmo modo para o afeto e para a representação, embora Freud admita que possam existir no Ics formações afetivas. Para Green, é uma questão de interpretação. A acentuação das possibilidades de estruturação, amplas para a representação, restritas para o afeto, apontará para uma diferença de natureza. Se o propósito em vista é o objetivo do inconsciente, veremos somente uma diferença de grau entre o caráter rudimentar do afeto no inconsciente e o desconhecimento das representações recalcadas. O motivo de todas essas diferenças é apresentado por Freud a seguir (GREEN:1973):

“A diferença toda decorre do fato de que idéias são catexias – basicamente de traços de memória – enquanto que os afetos e as emoções correspondem a processos de descarga, cujas manifestações finais são percebidas como sentimentos” (FREUD: 1915c apud GREEN:1973).

Do ponto de vista econômico, a idéia é vista como sendo da ordem do investimento, enquanto o afeto é considerado da ordem da descarga. A partir dessas novas contribuições à noção de afeto, é possível considerar que as sensações de descarga correspondem ao aspecto quantitativo do afeto – a energia psíquica ou quota de afeto, e as sensações de prazer e desprazer correspondem ao aspecto qualitativo, o afeto propriamente dito. Porém, a correlação entre o princípio de prazer e o princípio de constância levaram à suposição de que a noção de afeto sempre esteve associada ao desprazer, visto que ele está referido ao acúmulo de excitação que visa à descarga. Aliás, segundo Laplanche e Pontalis, o termo afeto, utilizado por Freud a partir da terminologia psicológica alemã, desde o início esteve associado à expressão de um “estado afetivo, penoso ou desagradável, vago ou qualificado, que se apresenta sob a forma de uma descarga maciça ou tonalidade geral”(LAPLANCHE & PONTALIS:1958).

Em outras palavras, o afeto possui tanto um aspecto quantitativo quanto um aspecto qualitativo, e as suas expressões são expressões qualitativas da quantidade de excitação proveniente da fonte pulsional (LAPLANCHE & PONTALIS:1958). Nas *Conferências Introdutórias Sobre a Psicanálise* (1916-1917) é feita uma distinção mais clara desses aspectos, distinguindo as descargas

de afeto das sensações ligadas a ele, sendo que as sensações são ainda consideradas como de dois tipos: as referentes às ações motoras ocorridas (descargas) e as sensações diretas de prazer e desprazer, que são as que conferem ao afeto seu tom dominante.

Entretanto, o aspecto mais importante de nossa última citação é a constatação de que a representação e afeto estão vinculados a sistemas diferentes. A primeira, como já dizemos, ao sistema da memória, da retenção, do investimento e, de acordo com Green, da concatenação, da ausência, da virtualidade. O segundo, ao sistema da descarga e, para Green, da qualidade, do esgotamento na não- conservação, da resistência à deformação e à associação, da recusa ou da impossibilidade de se conectar na ligação, da presença, da manifestação. Mas Green ressalta que tal oposição não deve ser levada demasiadamente longe ou muito absolutamente, pois o investimento do traço comporta uma descarga, e o afeto é considerado por Freud como produto de uma certa memória orgânica, tanto antes quanto depois da metapsicologia. Dessa maneira, a questão está contida quase que inteiramente na dimensão de um fator quantitativo (GREEN:1973):

“No afeto este último é ingovernável, exigindo a descarga, rebelde e impróprio a qualquer tratamento, enquanto que no traço mnêmico ele redutível, manejável, apto a ligar-se e a combinar-se. Uma vez mais encontra-se a oposição entre um processo que põe em jogo uma combinatória e uma força que lhe resiste e se manifesta descarregando-se no imediato, quando não é amordaçada pela repressão” (GREEN:1973).

Atenta Green que a postulação de uma redução ao estado de rudimento para a manutenção do afeto no inconsciente é, no mínimo, contraditória. Utilizando o caso clínico do Homem dos Ratos ele questiona se o afeto aqui presente, no inconsciente, existia no estado de rudimento, já que claramente se desenvolve intensamente:

“O Homem dos Ratos sentia esse gozo no estado consciente esforçando-se por ignorá-lo? Qualquer intervenção de Freud sobre tal gozo teria tido algum efeito, além de uma negativa esquiva?” (GREEN:1973).

Atesta o autor que Freud não leva em consideração o problema das relações entre o afeto e o inconsciente, que é o da transformação do afeto em seu contrário. E não se pode restringir a elucidar essa transformação por uma simples

substituição de representação; é indispensável elucidar a mudança de sinal do afeto como condição da manutenção do afeto no estado inconsciente. Se o recalque conseguiu inibir a transposição da moção pulsional em afeto, daí deriva que sua ação se exerce sobre a admissão à consciência, sobre o desenvolvimento do afeto e sobre o acesso à motilidade. No que diz respeito às duas últimas ações, pode-se dizer que o recalque se contrapõe ao desenvolvimento do movimento tanto na direção do mundo exterior quanto na direção do corpo (GREEN:1973).

Para Freud, “a afetividade se manifesta essencialmente em descarga motora (secretora, vaso- motora) destinada a transformar de maneira interna o corpo próprio, sem relação com o mundo exterior; a motilidade, em ações destinadas a transformar o mundo exterior” (FREUD:1915c). Sustenta Green que diante de tal afirmação, o afeto, além de se opor ao sistema da representação e da memória (traços mnêmicos), entra igualmente em oposição com o sistema do ato. E, para Green, ao passo que o consciente possui um controle sobre a motilidade solidamente estabelecido, o controle sobre a afetividade é mais vulnerável. A aceitação do afeto à consciência freqüentemente deve estar subordinada à sua ligação com um representante substituto do representante de origem. Todavia, uma transmissão direta é possível, quando o afeto é transformado em angústia: uma quota de energia afetiva irrompe do inconsciente para a consciência. Neste caso, o afeto originário, o que deu lugar à transformação em angústia, era inconsciente (GREEN:1973).

Segundo Green, a problemática do afeto permanece aberta na apresentação dos capítulos seguintes do artigo *O Inconsciente*, onde é ressaltada a estreiteza das ligações entre representações e afeto. A representação é vastamente dependente das variações quantitativas do investimento na formação do sintoma: retração do investimento pré-consciente, conservação do investimento inconsciente ou substituição do investimento pré-consciente por um investimento inconsciente, transformação do afeto em angústia por desligamento do investimento pré-consciente e expressão direta do inconsciente, papel de contra- investimento da formação substitutiva, variações da excitação pulsional do interior por reforço de uma moção e etc. A definição das propriedades características do sistema Ics confirma essa unidade indissolúvel (GREEN:1973): “O núcleo do Ics é constituído por representantes da pulsão que querem descarregar seu

investimento, portanto, por moções de desejo” (FREUD:1915c apud GREEN:1973).

Aponta Green que as formulações freudianas sobre o inconsciente, principalmente as investigações feitas sobre a linha mestra que conduz a ele, foram utilizadas para defender uma teoria estrutural. O autor assegura que esta, porém, funda-se sobre a identificação dos grandes eixos formalizadores da linguagem, apoiando-se sobre o trabalho que concerne às representações. E que os afetos no sonho, embora sendo título de um subcapítulo do capítulo sobre o trabalho do sonho, não são abordados nessas teorizações. Ainda que Freud tenha aí declarado que “é bem mais por seu fundo afetivo do que por seu conteúdo representativo que o sonho se impõe a nós como experiência psicológica” (FREUD:1900). Atenta Green que o sonho nos apresenta uma estranha discordância entre o conteúdo representativo e o estado afetivo que lhe corresponderia no estado de vigília. Porém não é possível, ao despertar, repelir o afeto do sonho como absurdo, como se é tentado a fazer com os conteúdos. Por fim, Green assevera que um exame das relações entre o conteúdo manifesto e conteúdo latente nos impele a dar razão ao afeto (GREEN:1973): “A análise nos ensina, na verdade, que os conteúdos representativos sofreram deslocamentos e substituições, enquanto que os afetos não mudaram” (FREUD:1900).

Observa Green que no sonho, do mesmo modo que nas psiconeuroses, os disfarces, as deformações, atingem os conteúdos representativos. A censura exercida sobre estes se choca contra os afetos “que formam a parte resistente, a única que pode nos indicar como é preciso completar o conjunto” (FREUD:1900 apud GREEN:1973). Mas se algumas semelhanças os unem, algumas diferenças os separam do ponto de vista do afeto. Nas psiconeuroses “o afeto sempre tem razão” (FREUD:1900 apud GREEN:1973) na discordância que o une a um conteúdo. Ao contrário do que acontece com o sonho é possível que, embora conservando a sua qualidade, ele pode ser intensificado “por deslocamento da atenção neurótica” (FREUD:1900 apud GREEN:1973). No sonho, a conservação da qualidade é acompanhada por uma diminuição, por uma inibição afetiva. É o que mostram as diversas transformações no sonho.

Observa ainda o autor que, nos casos em que o sonhador está sob o domínio de um estado afetivo que determina o sonho, esse estado afetivo pode ser de duas fontes, psicológica ou orgânica. No primeiro caso, ele encontra sua raiz

nos pensamentos da véspera. No segundo, num estado somático. No primeiro, o conteúdo representativo desses pensamentos induzirá o estado afetivo, no segundo, o conteúdo representativo será induzido pelo estado afetivo, ele próprio ligado ao estado orgânico. Na opinião de Green, encontramos aqui a situação mediana do estado afetivo: produto ativo da causa psicológica, reflexo passivo da causa orgânica. Contudo, “essa origem bicéfala perde sua especificidade na cena do sonho, para se subordinar à realização do desejo. O sonho só pode tirar sua força pulsional do desejo, mesmo quando se trata de afetos penosos, que vêm apenas despertar vigorosos desejos destinados a se realizar no sonho” (GREEN:1973).

Os Três Ensaios sobre a Teoria da Sexualidade, escrito em 1905, confirmou o papel da ativação do afeto, consolidando que todos os processos afetivos, “inclusive o sentimento de pavor” (FREUD:1905a), repercutem sobre a sexualidade, e vice-versa; o afeto e a sexualidade aludem-se e reforçam-se reciprocamente. Os afetos negativos, que constituem barreiras psíquicas contra a sexualidade, também são citados, tal como a aversão à qual Freud sempre tomará como exemplo de inversão do afeto em seu contrário. Já na análise de *Dora*, em 1901, ele associara a aversão à excitação sexual, com a inversão do afeto intervindo entre as duas. Para Green, a idéia de inversão pode ser aproximada de um outro traço da vida pulsional: os pares antitéticos. É nas análises do *Pequeno Hans* e do *Homem dos Ratos* que observamos o desenvolvimento dessa idéia, que só será explorada plenamente na metapsicologia (GREEN:1973). “A vida afetiva do homem é feita em geral de tais pares antitéticos. Mais do que isso, se fosse de outro modo talvez não houvesse recalque e neurose” (FREUD:1909b apud GREEN:1973).

Dessa forma, o mecanismo do recalque que procede à inversão do afeto parece implicar a existência de uma dupla estrutura do afeto. Dito de outra maneira, só há inversão em seu contrário porque o par antitético é dado prontamente. É necessário que o recalque possa se amparar sobre o elemento de um par para recalcar o outro; a transformação qualitativa está ligada a uma dualidade qualitativa de origem que Freud vinculará à ambivalência. Esta é desvelada em *O Homem dos Ratos*, onde Freud repara que os conflitos afetivos de seu paciente estão “soldados por pares” (FREUD:1909b apud GREEN:1973). Na estrutura da neurose obsessiva o conflito é objeto de uma “separação precoce

dos contrários” (FREUD:1909b apud GREEN:1973) e de “uma anulação de um pelo outro” (FREUD:1909b apud GREEN:1973). E o afeto é deslocado para representações distantes do conflito original, pela substituição de uma representação significativa, congruente com o afeto, por uma insignificante. Aparentemente, é o afeto que parece desproporcionado, mas Freud observa que é o afeto que é justificado e que lidera a busca da representação apropriada (GREEN:1973).

Para Green, a ação do afeto na neurose obsessiva é extremamente extensa, por reinvestir o pensamento que se tinha liberado. A tentativa de dominação do afeto pelo ego cognitivo e pelo pensamento ocasiona secundariamente um retorno do afeto, que vai incidir sobre a atividade de dominação que o dominou. Na paranóia observamos o mesmo mecanismo, pelo retorno da sexualidade sobre as relações sociais, por uma sexualização secundária dessas últimas depois de terem sido dessexualizadas. O retorno do afeto, desse modo, também incide sobre os processos psíquicos mais elaborados (GREEN:1973).

Em 1923, no capítulo II de *O Ego e o Id*, Freud estabelece a existência de um inconsciente não recalcado o qual não seria suficiente reativar para tornar consciente. A consciência é definida como uma propriedade da superfície externa do aparelho psíquico, sendo a primeira a ser influenciada pelo mundo exterior. Porém o aparelho psíquico, em sua superfície interna, também recebe impressões internas. As percepções recebidas externamente ou internamente são conscientes desde o início. A percepção e a consciência encontram-se associadas. Os processos de pensamento são atos de investimento que trabalham de acordo com modalidades muito afastadas das percepções, sendo desprovidos de consciência e, por conseguinte, de qualidade. Existe uma diferença essencial entre uma idéia inconsciente e uma idéia pré-consciente, pois o PCs entra em conexão com as representações de palavra enquanto que o material próprio do Ics permanece desconhecido. As representações de palavra, do mesmo modo que as representações de coisas, decorrem de percepção sensorial sendo, portanto, resíduos mnêmicos, traços capazes de tornarem-se novamente conscientes. A linguagem confere aos processos de pensamento a consciência, a qualidade e a probabilidade, pela redução ao estado de traço, da memória. Segundo Green, a decorrência disso é explicitada na seguinte citação de Freud em *O Ego e o Id* (GREEN:1973):

“(…)qualquer coisa proveniente de dentro (à parte os sentimentos) que procure tornar-se consciente deve tentar transformar-se em percepções externas: isto se torna possível mediante os traços mnêmicos”(FREUD:1923 apud GREEN:1973).

Tornar-se pré-consciente, portanto, é colocar em conexão as representações de coisa com as representações de palavra, fornecendo vínculos intermediários entre elas pelo trabalho analítico, com exceção dos sentimentos. O que parece válido para as percepções externas não o é para as percepções internas (GREEN:1973).

“As percepções internas produzem sensações de processos que surgem nos mais diversos e, também, certamente, nos mais profundos estratos do aparelho psíquico. Muito pouco se conhece sobre essas sensações e esses sentimentos; as que pertencem às séries prazer-desprazer podem ainda ser consideradas os melhores exemplos delas. São mais primárias, mais elementares que as percepções que surgem externamente, e podem ocorrer mesmo quando a consciência se acha enevoadada. Expressei em outro lugar (Além do Princípio de Prazer) meus pontos de vista sobre sua importância econômica maior e as razões metapsicológicas para isto. Essas sensações são multilocalizadas, como as percepções externas, podem vir simultaneamente de diferentes lugares e terem assim qualidades diferentes ou mesmo opostas... Chamemos o que se torna consciente como prazer e desprazer um ‘algo’ quantitativo e qualitativo no curso dos eventos mentais, a questão, então, é saber se este algo pode tornar-se consciente no lugar onde está ou se deve ser primeiro transmitido ao sistema Pcpt” (FREUD:1923).

Esse ‘algo’ quantitativo e qualitativo, nomeado desprazer, atua como um impulso recalcado, podendo desempenhar uma força propulsora sem que o ego seja capaz de abranger a compulsão. Ela se torna consciente apenas quando há resistência acompanhada por uma suspensão dessa resistência. Aparentemente seria correto afirmar que a transmissão ao sistema Pcpt seja imprescindível. (GREEN:1973). Freud declara a seguir:

“Mas se o caminho para a frente é barrado, elas não chegam a existir como sensações, embora o ‘algo’ que lhes corresponde no curso da excitação seja o mesmo que se elas chegassem a existir. Passamos então a falar, de maneira condensada e não inteiramente correta, de ‘sentimentos inconscientes’, mantendo uma analogia com as idéias inconscientes que não é inteiramente justificável. Na realidade, a diferença é que, enquanto que com as idéias Ics devem ser criados vínculos de ligação antes que elas possam ser trazidas para o Cs, com os sentimentos, que são transmitidos diretamente, isto não ocorre. Em outras palavras: a distinção entre Cs e Pcs não tem significado no que concerne a sentimentos, o Pcs aqui é posto de lado – e os sentimentos são ou conscientes ou inconscientes. Mesmo quando estão ligados a representações de palavra, tornam-

se conscientes, não devido a essa circunstância, mas sim diretamente”(FREUD:1923).

Assim, as idéias inconscientes possuem um estatuto no inconsciente caracterizado pelas conexões que estas estabelecem entre si e com as representações de palavra. Os afetos possuem um estatuto diferenciado no inconsciente. Portanto, não devemos considerar qualquer analogia entre essas constatações. Os vínculos do inconsciente com a linguagem existem necessariamente para as idéias inconscientes, não ocorrendo o mesmo para com o afeto. E quando este afeto é mediatizado pela linguagem, sua relação com esta não é semelhante à relação da idéia inconsciente com a linguagem. Conseqüentemente, o valor da verbalização não pode ser análogo nos dois casos (GREEN:1973).

Essa mudança teórica traz algumas implicações na consideração do afeto, concomitante com a substituição da primeira tópica pela segunda e do inconsciente pelo id, e solidária do abandono do inconsciente como sistema. Green repara que nesse texto, entretanto, não se faz menção ao caráter de rudimento do afeto no inconsciente, e Freud parece orientar-se pela acentuação da parte não representativa do inconsciente. Para Green, enquanto Freud associava a problemática do afeto ao inconsciente como sistema, a idéia de inconsciente não podia ser considerada sem sua conotação energética, seu investimento que tende à descarga. Compelido a excluir essas idéias de qualquer qualidade, por serem elas inconscientes, Freud também é obrigado a mostrar-se reservado quanto à existência de afetos inconscientes (GREEN:1973).

O segundo capítulo da obra apresenta diferentes formas de ser inconsciente. A dissociação entre recaiado e inconsciente leva também a diferenciar, no inconsciente recaiado, diversos estados inconscientes e, conseqüentemente, diversas maneiras de alcançar a consciência. O estado inconsciente e o acesso à consciência dependem essencialmente do material inconsciente em questão. As representações inconscientes chegam à consciência por sua conexão com as representações de palavras por um sobreinvestimento do traço mnêmico que restabelece à representação algo de seu estatuto perceptivo originário. As percepções internas são mais primárias e elementares do que as representações externas, não sendo necessária uma consciência aguda ou lúcida para serem sentidas. Elas se manifestam como um força condutora, sem que o

ego seja capaz de notar a sua ação, chegando à consciência relegando o pré-consciente. Seu vínculo com a linguagem, quando isso acontece, é no limite contingente (GREEN:1973).

Por fim, declara Green que existir no estado inconsciente e tornar-se consciente - isto é, passar pelo sistema perceptivo - são diferenciados para representação e afeto. A representação necessita passar pela linguagem, o afeto pode relegá-la. “O afeto pode deixar-se dizer pela linguagem, porém sua essência está fora dela” (GREEN:1973). O que o diferencia é justamente esta via direta que liga o inconsciente ao consciente. No discurso freudiano os afetos representam a parte mais arcaica do homem significando, para Green, aquela que a linguagem pode acompanhar e sem dúvida estruturar em parte, ainda que este limite seja desconhecido, mas que segue seu caminho independente dela. Segundo Green, o discurso freudiano não objetiva opor o intelecto às paixões, mas ressaltar que o afeto não é apreendido fora de uma estrutura (as duas tópicas), de um conflito (oposição de afetos contrários), de uma economia (relações quantitativas e de transformação) e, principalmente, como os estados afetivos encontram-se submetidos ao princípio de prazer-desprazer, ligado aos processos primários (GREEN:1973).

O lugar que o afeto ocupa no complexo de Édipo e em sua dissolução também é contemplado em *O Ego e o Id*. De acordo com Green, “o Édipo caracteriza-se por uma distribuição dos afetos entre as pessoas que constituem o triângulo edipiano” (GREEN:1973). Assim, está formada uma rede, uma estrutura, na qual cada pessoa é afetada de sentimentos de ternura e hostilidade. Em cada sujeito há na consciência sinais pertencentes a um ou a outro pólo, tendo o resto submetido ao recalque. “A bipolaridade afetiva jamais para de atuar, apesar da ‘afecção’ a um personagem parental de um dos dois termos que a compõem” (GREEN:1973). Dessa forma, o Édipo manifesta-se como uma estrutura na qual um jogo completo por trás das formações de afetos torna-se visível. Cada afeto evoca seu complemento tanto para com a mesma imago parental quanto para com a outra. Na concepção de Green, não há solução fora da identificação com o progenitor do mesmo sexo, a qual provoca a renúncia dos vínculos afetivos para com ele e a substituição desses pelo vínculo da identificação. Registra o autor que a ameaça de castração, não importa qual seja a forma edípica à qual o sujeito se fixou, determina essa solução comandada pelo

superego. A transformação da libido objetal em libido narcísica acompanha a identificação, sendo o motor essencial da sublimação. Porém esse triunfo do superego, mais aparente do que real, só se realiza pela dissolução do complexo de Édipo (GREEN:1973).

Sendo o ego o representante do mundo exterior e o superego o representante do mundo interior, as relações entre o afeto e o superego refletem as relações entre o afeto e o id. Em *O Problema Econômico do Masoquismo*, Freud aponta que o masoquismo ressexualiza a moral, o que sugere que pelo masoquismo moral são reencontrados os vínculos que unem o id ao superego. A exigência do superego é a negatização da exigência do id, significando a renúncia à exigência de satisfação pulsional. Essas são as condições que o ego deve submeter-se para beneficiar-se do amor do superego. Essa satisfação concedida ao superego leva a uma dessexualização dos investimentos e à substituição dos investimentos do objeto por identificações, resultando na idealização do objeto do desejo e na idealização de quem deseja. Há, portanto, uma transformação dos afetos em afetos narcísicos sob a influência do superego, em relação com o objeto, trazendo um retorno dos investimentos sobre o ego, que é amado com todo o amor do qual ele priva o objeto. Descrita em sua forma extrema, essa desafeição objetal, essa afecção narcísica existe em germe em todo sujeito (GREEN:1973).

Segundo Green, aparentemente é necessário admitir que tudo o que contraria a expressão dos afetos em ligação com algum tipo de pulsão assume uma significação interdutora, pela postulação de um conflito quase originário. Entretanto, tal efeito pode estar relacionado apenas à oposição entre pulsões antagônicas. A rejeição do mau para o exterior, uma alienação idealizante, não resiste muito tempo à experiência. Logo, o exterior deve ser interiorizado e excluído simultaneamente pelo recalque. O ódio ao objeto pode aparecer como um precursor do superego proibindo o amor a ele. O amor ao objeto pode aparecer como um precursor do superego, proibindo o ódio. Desta forma, reconhece-se a cumplicidade originária entre o id e o superego, posto que as oposições entre pulsões antagônicas prefiguram as tentativas ulteriores de neutralização das pulsões do id para satisfazer a uma instância especial à qual será preciso, para fazer-se amar por ela, obedecer cegamente. Diante da impotência do ego e das forças do id, o superego joga um jogo duplo, satisfazendo as pulsões do id ou aniquilando-as, obtendo refúgio na onipotência narcísica idealizante tendo

conseguido uma neutralização teratológica. Nessa condição, são encontrados os efeitos de uma redução das tensões ao nível zero que seria obtida, não pela descarga total, mas por uma repressão total, levando a realizar as tarefas do domínio do princípio de Nirvana (GREEN:1973).

Freud, ao escrever em 1924 *O Problema Econômico do Masoquismo*, recoloca em questão a relação quantitativa- qualitativa do princípio de prazer-desprazer. Até então, o desprazer era relacionado com a tensão, isto é, ao aumento de uma quantidade psíquica de excitação interna, e o prazer com a distensão. Neste texto, o autor é obrigado a admitir a independência relativa da quantidade e da qualidade. Porém, ainda que não se possa reduzir a qualidade à quantidade, não é possível pretender uma independência total entre as duas. Freud demonstra a necessidade de distinguir o princípio de prazer do princípio de constância. O autor argumenta que os dois princípios não podem ser idênticos, pela existência inquestionável de estados crescentes de tensão que são agradáveis (como, por exemplo, a excitação sexual). E prossegue pela postulação, já vagamente indicada no *Além do Princípio de Prazer* (1920), de que a qualidade agradável ou desagradável de um estado pode ser relacionada a uma característica temporal (ou ritmo) das modificações na quantidade de excitação presente. Recordemos aqui que nos textos freudianos a qualidade está, na maioria das vezes, associada a um processo de descarga por um sobreinvestimento ou por ter atingido um limiar que ultrapassa as possibilidades de contenção. Ao dissociar os estados de prazer e de desprazer dos fatores econômicos de distensão e de tensão, Freud realiza uma modificação decisiva na teoria dos afetos. Para Green, no entanto, o fator qualitativo continua um mistério:

“As explicações que Freud propõe sem progredir muito são bem pobres: ritmo, seqüências temporais das modificações, elevação e queda dos estímulos estão longe de restituir a realidade subjetiva dos afetos” (GREEN:1973).

O princípio de prazer, originalmente postulado por Freud como intimamente ligado e talvez idêntico ao princípio de constância, foi assim anunciado por Freud, no *Projeto para uma Psicologia Científica*:

“Já que temos um certo conhecimento de uma tendência da vida psíquica no sentido de evitar o desprazer, ficamos tentados a identificá-la com a tendência primária à inércia. Nesse caso o desprazer teria que coincidir com um aumento

do nível de quantidade...o prazer corresponde à sensação de descarga” (FREUD:1950[1895]).

Em *A Pulsão e suas Vicissitudes* (1915a) Freud afirma que o termo que melhor caracteriza uma pulsão é ‘necessidade’, o que elimina uma necessidade é a ‘satisfação’ e que esta só pode ser alcançada por uma alteração adequada da fonte interna de estimulação. No mesmo texto, o autor aponta as principais características da pulsão: sua fonte de estimulação é endógena, ela atua como uma força constante e, portanto, nenhuma ação de fuga é eficaz contra a exigência de trabalho que ela impõe ao aparelho psíquico. Mais adiante, ele escreve:

“Quando ainda verificamos que até mesmo a atividade do aparelho mental mais desenvolvido está sujeita ao princípio de prazer, isto é, que ela é automaticamente regulada por sentimentos pertencentes à série prazer-desprazer, quase não podemos rejeitar a hipótese ulterior, segundo a qual esses sentimentos refletem a maneira pela qual o processo de dominação de estímulos se verifica – certamente no sentido de que os sentimentos desagradáveis estão ligados a um aumento e os sentimentos agradáveis a uma diminuição do estímulo” (FREUD: 1915a).

Avisa o autor, em seguida, que essa suposição será contudo cuidadosamente preservada “em sua atual forma altamente indefinida, até conseguirmos, caso possível, descobrir que espécie de relação existe entre o prazer e o desprazer por um lado, e flutuações nas quantidades de estímulo que afetam a vida psíquica, por outro” (FREUD: 1915a). Neste momento, princípio de prazer e princípio de constância encontram-se correlacionados, e diretamente referidos aos sentimentos pertencentes à gama prazer- desprazer.

No artigo sobre o *Recalque* (1915b), o autor coloca logo de início que a condição necessária para que um recalque ocorra é a produção de desprazer pela pulsão. Porém, a princípio, a satisfação de uma pulsão é sempre agradável, o que o leva a supor a “existência de certas circunstâncias peculiares, alguma espécie de processo através do qual o prazer da satisfação se transforma em desprazer” (FREUD: 1915b). Limitando-se à experiência clínica, ele observa que a satisfação de uma pulsão que se encontra sob recalque seria bastante possível e invariavelmente agradável em si mesma, “embora irreconciliável com outras reivindicações e intenções” (FREUD: 1915b), causando prazer num lugar e desprazer em outro. E o recalque só pode surgir após uma separação entre a atividade psíquica consciente e a inconsciente. Nesse contexto, “a essência do

recalque consiste simplesmente em afastar determinada coisa do consciente, mantendo-a à distância” (FREUD: 1915b).

Para Green, em *O Problema Econômico do Masoquismo*, na medida em que princípio de Nirvana e princípio de prazer devam ser distinguidos, é possível que ao primeiro caiba a redução puramente quantitativa até o nível zero e, ao segundo, a evitação qualitativa do desprazer e da procura do prazer. Assim, o princípio de Nirvana estaria a serviço das pulsões de morte, e o princípio de prazer a serviço da libido. Mas, na medida em que Freud sustenta que o princípio de prazer é o herdeiro do princípio de Nirvana, posto que este último sofre uma “mutação” nos seres vivos, é preciso compreender, sob a denominação de princípio de prazer, ao mesmo tempo o antigo princípio de Nirvana e o novo princípio de prazer. O que justifica que o princípio de prazer não possa chegar à descarga absoluta e completa por não se colocar inteiramente a serviço da pulsão de morte, mas que ele deva se contentar com o nível mais baixo possível, o que, numa certa medida, é paralelo à qualidade de prazer. E onde a procura de um aumento de prazer só é admissível para o aparelho psíquico dentro de certos limites de intensidade e de tempo (GREEN:1973).

O princípio de realidade, do qual a diferença é a função essencial, modificará o princípio de prazer pela capacidade de tolerar maiores tensões sem se desorganizar, e de só autorizar descargas infinitesimais para a exploração do mundo exterior e o funcionamento do pensamento. Essa inibição à descarga e essa fragmentação energética devem libertar-se paralelamente da referência principal ao prazer e, mudando de finalidade, esforçar-se por estabelecer as condições de possibilidade dos objetos, independentemente de seu valor prazenteiro ou não. Dessa forma, o afeto está sempre em posição intermediária, entre sua aniquilação – redução a zero – pela descarga, e sua ultrapassagem necessária – inibição da descarga, liberação da qualidade agradável ou desagradável necessária ao funcionamento do pensamento (GREEN:1973).

“O afeto está entre as duas mortes, aquém e além da vida. O afeto está entre a morte biológica e a morte psíquica que é o trabalho do pensamento. Circunscrito na dualidade prazer-desprazer, o viver do afeto sempre é solicitado por seu contrário e seu duplo, ameaça ou esperança, conforme o caso. Sua realidade parece assim bem frágil, bem evanescente, bem ameaçada. Todavia, a férrea autoridade exercida sobre ele por essas duas mortes quebra-se periodicamente. Surge então um jorro transtornador do qual muitas vezes é difícil dizer se são forças de vida ou forças de destruição assim que se manifestam”(GREEN:1973).

Em *A Negativa*, Freud, através da experiência analítica, demonstra que o conteúdo ideativo do recalçado pode chegar à consciência pelo trabalho analítico, vencendo a negativa e levando o analisando a uma plena aceitação intelectual do recalçado. Mas isso não dissipa o processo do recalque. Para Green, o que falta é o afeto, que não encontra-se ligado à idéia aparentemente admitida. “Tudo se passa então como se o analisando se comportasse na análise como o fetichista face à castração” (GREEN:1973). Declara Freud:

“Podemos ver como, aqui, a função intelectual está separada do processo afetivo. O que é suprimido é apenas uma das conseqüências do processo de recalçamento, isto é, o fato de o conteúdo representativo daquilo que está recalçado não atingir a consciência. Daí resulta uma espécie de admissão intelectual do recalçado, enquanto persiste o essencial do recalçamento...” (FREUD:1925).

A libertação das restrições do recalque se faz pelo trabalho do pensamento e com o auxílio do símbolo da negativa, admitindo a idéia recalçada no consciente para os processos intelectuais. Segundo Green, é preciso apenas uma mudança de sinal, de positivo para negativo, para que o conteúdo recalçado e perdido seja recuperado. E é através dessa mudança de sinal que o sujeito se libera do afeto. Dessa forma, o equivalente da negativa nos processos intelectuais se encontra na inversão dos afetos. Entretanto, o desprazer precisa de um contra-investimento energeticamente mais dispendioso. A atividade de pensamento encontra-se assim obstruída pela pressão do afeto recalçado. Portanto, as relações entre o recalçado e o consciente podem ser abrangidas por variados destinos: 1) A representação recalçada e o afeto recalçado permanecem inteiramente recalçados; 2) A representação recalçada torna-se consciente sob a forma de negativa; 3) A representação recalçada torna-se consciente sob a forma de aceitação intelectual; 4) O afeto recalçado torna-se consciente de forma direta ou invertida; 5) A representação recalçada torna-se consciente com afeto: dissipação do recalque (GREEN:1973).

Para Green, nos casos 2 e 3, onde a representação recalçada torna-se consciente sem afeto, não há dissipação do recalque. Assim, apenas a reconstrução do complexo representação-afeto por rememoração ou interpretação pode dissipar o recalque. É importante ressaltar que esta é uma dissipação parcial que origina, por reação, um fortalecimento dos contra-investimentos. A dissipação total do recalque é impossível devido ao recalque originário, que é a

finalidade mais poderosa da sublimação. O trabalho analítico constrói a rede dos recalques parciais capaz de fornecer a hipótese do recalque primário, cuja comunicação produz no analisando um complexo de representação-afeto relacionado com ele. Se o trabalho dos processos intelectuais é o de emancipar-se do afeto através da negativa, toda análise firmada na combinatória das representações, ainda que haja o reconhecimento do jogo das negativas, pode criar uma teoria do inconsciente perfeitamente verossímil, e inclusive verdadeira, sem qualquer dissipação do recalque. Conseqüentemente, o referente da análise só pode ser o afeto e, mais exatamente, o afeto de desprazer, o único que é indicativo do recalcado. Os tratamentos vivenciados numa relação reciprocamente feliz não são capazes de uma análise do inconsciente. As teorias psicanalíticas precisariam ser avaliadas, dessa forma, além de sua coerência lógica, pela sua ressonância afetiva, na verificação de quais afetos de prazer elas oferecem e quais afetos de desprazer elas poupam (GREEN:1973).

Em 1927, ao considerar a estrutura do fetichismo, Freud esclarece as relações entre as distintas variedades do recalque, e também sobre o material no qual se exerce a ação delas. Até então era possível confirmar que só as representações eram recalcadas, enquanto que o afeto era apenas reprimido. A gradação entre os dois termos era complicada de ser atingida, dando margens a numerosos e contraditórios argumentos. A repressão era uma inibição da expressão do afeto, enquanto o recalque acompanhava o desaparecimento da representação e sua permanência sob a forma de traço mnêmico. A partir da análise do fetichismo, Freud vai sustentar que o recalque é o mecanismo que visa o afeto.

“Se quisermos diferenciar mais nitidamente o destino da idéia como distinto daquele do afeto, e reservar a palavra ‘*verdrangung*’ (recalque) para o afeto, então a palavra alemã correta para o destino da idéia seria ‘*verleugnung*’ (recusa)”(FREUD:1927).

Na concepção de Green, este representa o ponto final sobre as relações entre afeto e recalque. Não apenas o afeto é recalcado, mas é sobre ele, nomeadamente, que ocorre o recalque, ao passo que a recusa incide sobre a representação. A continuação do texto aponta que o afeto que sobrevêm à visão dos órgãos genitais maternos deve sofrer o recalque. A percepção da falta de pênis só é angustiante pelo fantasma da castração, que acha-se assim autenticado. Por essa autenticação é o ato da castração que é evocado. Desse modo, na

realidade externa e no mundo exterior, a percepção e o ato encontram-se associados. E, na realidade interna (psíquica) e no mundo interior, a representação e o afeto são objeto de um encontro que o fantasma sanciona. Portanto, a defesa tem por finalidade separá-los, pelo recalque do afeto e a recusa da representação (GREEN:1973).

A essa clivagem entre afeto e representação corresponderá a clivagem entre realidade externa e realidade interna. O afeto é submetido à mesma clivagem, com a representação de um sexo castrado evocando no inconsciente uma angústia e um horror intensos, ao mesmo tempo em que a percepção do sexo feminino mantém o sujeito indiferente, pelo conhecimento de que homens e mulheres são diferentes anatomicamente. Portanto, o afeto pode ser despertado pela percepção externa, por uma evocação de um perigo procedente de uma ação no real, mas também pode ser despertado pela representação, por uma evocação fantasmática. Igualmente, qualquer insatisfação procedente do objeto aumenta a tensão interna, provocando a representação do objeto faltoso ou a tentativa de uma realização alucinatória do desejo. O efeito do afeto será concomitante à tensão crescente e à descarga. Esta última irá se dirigir para o corpo, através de reações fisiológicas e, secundariamente, para o mundo exterior, por movimentos motores (GREEN:1973).

Assim sendo, ao aparecimento do afeto encontramos, no mundo exterior, a percepção evocadora do ato e, no mundo interior, o desejo e a representação do objeto ou da satisfação. Ao desenvolvimento do afeto correspondem, no mundo exterior, um movimento de agitação motora e apelo ao objeto e, no mundo interior, o fantasma e o corpo visceral. Ao desaparecimento do afeto que se segue ao esgotamento da descarga e da satisfação encontramos, no mundo exterior, o repouso motor que acompanha a experiência da satisfação ou a evitação das condições perceptivas evocadoras do perigo intrínseco ao ato. E, no mundo interior, a qualidade do prazer, acompanhada do silêncio representativo e afetivo. Esta é a solução favorável. A solução oposta implicará, no mundo exterior, um esgotamento acarretado pela agitação e uma disposição ao entorpecimento ou o abandono ao perigo externo. No mundo interior, uma vivência da catástrofe, de desespero e de impotência que leva ao abandono, ao perigo interno. Entre esses dois extremos podem funcionar, dentro de certos limites, mecanismos de defesa “mais ou menos densos, mais ou menos custosos, mais ou menos eficazes, que

deveriam ser reexaminados, do contra- investimento externo e interno, sob seus contornos mais radicais (...) até os mecanismos mais sutis (...) que oferecem todas as possibilidades de simbolização, a evitar as conseqüências da perturbação econômica” (GREEN:1973).

A construção metapsicológica de Freud de 1927 é retomada em *A Clivagem do Ego no Processo de Defesa*, em 1939. Freud nos apresenta a irreduzível clivagem que afeta o ego, instância fundamental do conflito: cabe a ele reconhecer as exigências da realidade e obedecer a elas pela renúncia pulsional, mas também satisfazer, através de suas funções, ao princípio de prazer-desprazer, evitando o desprazer e encontrando um meio que consinta a busca do prazer por uma experiência de satisfação. A pluralidade de tarefas que compete ao ego, para Green, esclarece a acentuação de algumas de suas contradições nas suas diferentes concepções. A consolidação da afirmação de funcionamentos contraditórios coexistindo no ego indica que, por mais presentes que possam ser o teste da realidade e o princípio de realidade, o princípio de prazer-desprazer é bastante poderoso para recusar o teste de realidade e construir uma outra mais ou menos extensiva: do fetiche como substituto do pênis a delírio como derivado do inconsciente, vindo substituir um realidade recalcada. Dessa forma, a problemática do fetichismo representa um paradigma para todo o campo psicanalítico (GREEN:1973).

“A constituição do objeto fetiche parece assegurar a própria constituição do objeto psíquico, na medida em que este último nunca se separa de seu vínculo original e se sua função especial. Em outras palavras, o objeto psíquico é retirado como parte do corpo materno e dedicado ao gozo” (GREEN:1973).

A renúncia ao corpo materno é ordenada, portanto, sob ameaça de castração em nome do pai, como consolidou a teoria lacaniana. A atitude do sujeito frente a esse decreto proclamado pelo Outro é de reconhecer nele a lei ao mesmo tempo que encontra o meio de eludi-la. Mas, para Green, o corpo materno aí retorna através do afeto que, sempre duplo, faz lembrar a satisfação buscada sob a forma de prazer e sua proibição sob a forma de desprazer (GREEN:1973).

Finalmente, ressaltando que a leitura feita por Green dos textos freudianos foi por nós escolhida por, dado o percurso inicial, constituir um quadro de referência privilegiado capaz de introduzir as questões a serem abordadas, gostaríamos de apontar, no final deste capítulo, as linhas gerais do pensamento

desse autor. Para Green, o afeto apenas pode ser compreendido pela mediação do modelo teórico pulsional, sendo o representante da pulsão que designa a sua parte energética. Ele se torna consciente pela descarga, dirigida, em sua maior parte, para o interior do corpo, ou pela resistência à tensão crescente que o caracteriza, acompanhada pela dissipação dessa resistência. A representação e o afeto possuem um apelo mútuo e outras relações são estabelecidas por ambos os representantes: na representação, pela percepção anunciadora de um perigo ou portadora de uma mensagem erótica ou tranqüilizadora e, no afeto, pelo ato, correspondente no mundo exterior de um movimento de descarga que objetiva transformar as condições que nele prevalecem. A representação se desenvolve nos sentidos divergentes do fantasma à linguagem; o afeto se estende de suas formas mais brutas a seus estados mais matizados. No entanto, os destinos de ambos dependem do trabalho sobre o afeto efetuado pela dominação do ego. A repressão é a forma extrema do recalque e tarefa final deste. E a atividade de ligação da energia libidinal assegura o encadeamento de uma energia afetiva flutuante.

Na concepção de Green, mesmo que uma compreensão genética simplificada admita conceber a evolução libidinal no sentido de uma maturação afetiva progressiva caracterizada pela dominação dos afetos, essa compreensão contraria não somente a noção de intemporalidade do inconsciente, mas também a circunstância estrutural dos afetos, que se submetem à soberania do princípio de prazer-desprazer. O lugar privilegiado ocupado pelo afeto nos processos primários aumentou ainda mais desde que a substituição do inconsciente pelo id, no qual são ressaltados, em relação à primeira tópica, o ponto de vista econômico e a tendência pulsional à descarga. Além disso, um exame profundo obriga-nos a postular afetos do id, como decorrência de uma transformação bruta e violenta da libido descarregada que penetra por efracção no ego, antes que a elaboração possa funcionar em seu plano, e afetos do ego, sobre os quais puderam funcionar as organizações características deste. No id, o afeto se manifesta fundamentalmente por um efeito econômico e, no ego, por um efeito simbólico.

Dessa forma, a significação dos afetos é inseparável da força de trabalho que eles representam e do trabalho efetuado sobre essa própria força. E a função simbólica que os afetos podem garantir é compatível apenas quando incluída numa organização caracterizada pela combinação de quantidades de energias

reduzidas, e ligadas por um nível de investimento estável e constante. Declara Green:

“Poder-se-ia resumir a situação sustentando que o ego está circunscrito entre a angústia de um ‘demais’ e a angústia de um ‘de menos’. A oposição entre o econômico e o simbólico é suscetível de um retorno: a economia é simbólica, o simbólico é economia ” (GREEN:1973).

É necessário ainda, antes de darmos prosseguimento aos trabalhos desenvolvidos na literatura pós-freudiana referente ao tema, salientar que, para Green, a dificuldade fundamental de uma teoria psicanalítica dos afetos é a de substituir ocultamente o ponto de vista metapsicológico por um ponto de vista fenomenológico. Dificuldade esta que torna-se maior quando tenta-se explicar todos os matizes qualitativos da vida afetiva e todos os seus graus quantitativos. Segundo ele, é preciso descobrir e manter uma focalização que se oponha às tentações de digressão, e é o afeto sexual e agressivo quem representa este núcleo. Para Green, portanto, a teoria psicanalítica conservará sua especificidade apenas se persistir no papel organizador desses afetos para o inconsciente e para a diferenciação estrutural das instâncias.